



ARTIGOS

a arte como ferramenta educativa e sensível: explorando seu papel na formação humana

Adriano Ferreira Silva¹

¹ Advogado e Artista. Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba - PPGCJ / UFPB. Bacharel em Direito pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Ceará. No âmbito jurídico possui experiência na área de Direito, com ênfase na Advocacia Artística e Cultural, e pesquisando principalmente nos seguintes temas: Direitos Humanos e Direitos Culturais. No âmbito artístico possui experiência na área das Artes Visuais, com ênfase em Arte Educação e Xilogravura.

resumo_

O presente artigo possui o intuito de discutir o papel da arte como ferramenta educativa essencial no desenvolvimento humano, destacando sua capacidade de integrar aspectos cognitivos, emocionais e sociais no processo de ensino-aprendizagem. Fundamentado na pedagogia crítica, o estudo defende que a arte potencializa a imaginação, a sensibilidade e a criticidade, promovendo experiências educativas mais inclusivas e significativas. A pesquisa, realizada mediante revisão de literatura, foi motivada pelo problema da dissociação entre ciência e arte no ambiente educacional e a necessidade de integrar a arte como ferramenta de ensino e sensibilização. Este trabalho evidencia que a arte favorece a formação integral, estimulando a criatividade, o protagonismo estudantil e a valorização da diversidade cultural. Contudo, apesar dos desafios estruturais e formativos enfrentados, a inserção planejada da arte na educação contribui para a construção de uma prática pedagógica mais democrática, sensível e transformadora, essencial à formação de cidadãos críticos e atuantes.

Palavras-Chave: Arte, educação, sensibilidade.

abstract_

This article aims to examine the role of art as an essential educational tool in human development, emphasizing its capacity to integrate cognitive, emotional, and social dimensions within the teaching and learning process. Grounded in critical pedagogy, the study argues that art fosters imagination, sensitivity, and critical thinking, thereby promoting more inclusive and meaningful educational experiences. Developed through a comprehensive literature review, the research was driven by the persistent disconnect between science and art in educational contexts and by the need to incorporate art as a means of instruction and awareness. The findings indicate that art contributes to holistic development by stimulating creativity, encouraging student agency,

and valuing cultural diversity. Despite existing structural and training-related challenges, the deliberate inclusion of art in educational settings supports the creation of a more democratic, empathetic, and transformative pedagogical practice—one that is vital for cultivating critically engaged and socially responsible citizens.

Keywords: Art, education, sensitivity.

Introdução_

O campo da educação tradicional baseou suas metodologias na proposta de conhecimento científico, adotando-as como meta. As expressões artísticas e a habilidade artística, como fontes de abordagens educacionais aprimoradas, são vistas como uma alternativa, uma outra instância, algo recorrido quando a ciência não oferece orientação. É considerado que nenhum campo que busque legitimidade profissional pode confiar em tal princípio pouco confiável, que dissocia as artes e a ciência.

Essa dissociação entre ciência e arte reflete-se nas práticas escolares que priorizam a objetividade e a padronização em detrimento da subjetividade e da imaginação, pois a educação tradicional é centrada na transmissão mecânica de conteúdos, na qual o professor é o detentor do saber e o estudante um receptor passivo. Essa abordagem valoriza a memorização e a repetição, desconsiderando o contexto social e histórico do educando (Saviani, 2005).

Assim, as diversas maneiras de pensar, essenciais para desenvolver trabalhos artísticos, não são apenas aplicáveis ao que os estudantes realizam. Elas são praticamente aplicáveis a todos os aspectos de nossas atividades, desde a concepção do currículo até a execução do ensino, passando pelas condições em que os estudantes e os professores estão inseridos.

Aprender a observar como a forma das coisas é estruturada é um tipo de aprendizagem que pode ser empregado a todas as coisas criadas, sejam na teoria ou na prática. É necessário auxiliar os educandos a aprenderem a questionar não apenas o que alguém está expressando, mas como este alguém elaborou seu argumento, uma peça musical ou um desenho virtual. A função do

currículo pode ser projetada para destacar tais questões, atividades que trabalhem a percepção em cada uma das disciplinas que são ensinadas. Isso exigirá mais tarefas que estimulem a percepção do que atividades que a acelerem (Eisner, 2008, p.10).

Nas artes, utiliza-se uma maneira expressiva para comunicar o que a linguagem verbal abstrata de formas linguísticas, pela enunciação monológica isolada, jamais conseguiria expressar. A interação verbal deve-se constituir da realidade fundamental da língua, sendo assim, tal qual nas artes, um ato de enunciação social (Bakhtin, 2006, p.125).

A demanda por essas práticas revela muito sobre as raízes do conhecimento e seu significado para o processo educacional. Em uma era em que se busca encaixar o desempenho em grupos padronizados e de habilidades limitadas, questões como essas demonstram ser particularmente relevantes. Cada vez mais sente-se a pressão para uniformizar, porém mais importante é lembrar daquilo que não deve ser padronizado.

O presente artigo, fundamentado na pedagogia crítica, propõe-se a discutir o papel da arte como ferramenta educativa essencial, enfatizando sua capacidade de integrar aspectos cognitivos, emocionais e sociais no processo formativo. A pesquisa se baseia na revisão de literatura e busca evidenciar a relevância da sensibilidade e da expressão artística na construção de uma prática pedagógica mais inclusiva, dialógica e transformadora.

A imaginação não é apenas um adorno superficial, assim como a arte também não o é. Juntas, elas têm o poder de nos libertar de nossos hábitos estagnados. Podem auxiliar na restau-

ração de um propósito significativo para nossos esforços e na criação do modelo de escolas que os jovens merecem e que a cultura necessita. Essas aspirações são metas dignas de serem alcançadas, uma educação voltada para a subjetividade e imaginação.

Educação para a imaginação e percepção visual_

Não é exagerado enfatizar que a imaginação, sendo uma capacidade complexa, manifesta-se de diversas formas, as quais correspondem a variados níveis ou intenções de simbolização, e, portanto, levam ao que foi metaforicamente denominado de “A árvore das imagens” (Wunenburger, 2002, p. 15).

A imaginação, quando desenvolvida visando criar cenários da realidade, e não fantasiosas na perspectiva de serem irrealizáveis, é benéfica para estimular a aprendizagem dos estudantes. Não devendo misturar as fantasias escolares com a relevância tanto do emprego da imaginação na educação formal quanto de seu uso para construir uma educação consciente (Egan, 2007, p. 11).

Portanto, é através da imaginação que os jovens podem incorporar as experiências em sua compreensão, resultando dessa síntese um enriquecimento intelectual ou emocional que se manifestará no desenvolvimento de uma razão e de uma emoção, na busca de desenvolver os intelectos,

embora sempre seja possível e necessário questionar o modelo subjacente à sua formação. Pois, a imaginação é a capacidade de projetar criticamente o inédito viável, de reinventar o mundo a partir da consciência de suas contradições.

Uma educação, nessa ótica, buscará promover o desenvolvimento da habilidade de imaginar, tanto nos estudantes quanto nos próprios professores, ou seja, tornar ambos os participantes da relação educacional sensível ao papel da imaginação na criação de alternativas ao pensamento rigidamente convencional.

O emprego da imaginação no ambiente escolar não deve, de forma alguma, negligenciar a importância de construir um paradigma que reconheça a imaginação como uma voz distinta da voz da razão. Portanto, é importante criar experiências educativas de modo que os estudantes reconheçam o valor da imaginação como uma capacidade que enriquece o ser humano do ponto de vista dos valores e que resulta em uma ampliação da vivência de sua liberdade.

O indivíduo imaginativo não deve se restringir apenas a um dos aspectos do espírito humano, conceitual e científico, pois isso poderia resultar na redução de sua formação a uma única dimensão indesejável. Em vez disso, ele deve se permitir em ser igualmente influenciado pelo reino da imagem, onde a poesia e a imaginação, não necessariamente criativas, têm lugar. A dinâmica de aprendizado é, na verdade, fundamentada em uma razão inteligível lógico-conceitual, mas também é formatada por elementos afetivos, que auxiliam na integração dos conhecimentos adquiridos dentro do contexto da comunidade escolar.

O artista também utiliza suas formas e cores para capturar algo de significado universal no particular. Ele não está tentando competir com a singularidade em si, pois isso está além de sua capacidade. Reconheça-se que o resultado de seu esforço é um objeto ou performance singular. As palavras podem e devem esperar enquanto nossa mente deduz, a partir da singularidade da experiência, e das generalidades que podem ser apreendidas pelos sentidos. É desafiador extrair tais generalidades de um trabalho artístico, mas não é diferente, em princípio, de tentar descrever a natureza de outras coisas complexas, como a forma física e mental das criaturas vivas. A arte é o fruto de organismos e, portanto, não é nem mais nem menos complexa do que esses próprios organismos (Arnheim, 2005, p. 10).

É comum encontrar e sentir certas qualidades em uma obra de arte, sem que seja possível conseguir demonstrar com palavras. A razão do fracasso nesta tarefa não reside no uso da linguagem, mas sim no fato de ainda não ter conseguido integrar essas qualidades percebidas em categorias apropriadas.

A linguagem não pode realizar o trabalho de forma direta porque não é um caminho imediato para o contato sensorial com a realidade; a linguagem é um fenômeno social e dialógico, moldado pelo contexto histórico e social dos interlocutores. Não é de forma alguma um canal estranho ou indevido para coisas perceptivas. No entanto, essas experiências, antes de serem nomeadas, devem passar por uma análise perceptiva, pois a linguagem está sempre atrelada à experiência social (Bakhtin, 2006).

Não há razão para que as estruturas visuais sejam dissociadas do que elas comunicam. Este é o motivo pela qual frequentemente se passa dos padrões percebidos para o significado que eles transmitem; e ao ponto que se esforça para diversificar o campo de visão, pode-se ter esperança em recuperar profundamente o que se perde em dimensão tudo aquilo que afeta os horizontes.

A percepção envolve pensamento, todo discernimento inclui intuição, toda observação implica inovação. A importância dessas perspectivas para a teoria e prática das artes é evidente. Não se pode mais contemplar o trabalho do artista como uma atividade isolada, de inspiração misteriosa, sem a existência de conexões com outras atividades humanas. Contrariamente, deve-se reconhecer que a observação e percepção que leva à criatividade da arte é resultado do produto da atividade visual, baseada na vida cotidiana, mediante uma educação transformadora.

A imaginação permite aos estudantes construírem sentidos próprios sobre a realidade e ampliarem seus horizontes de percepção e ação. O processo educativo através das artes deve ir além da transmissão mecânica de conteúdos, promovendo o desenvolvimento integral do sujeito para intervir conscientemente em sua realidade.

Educação através da Arte como prática crítica_

A Educação através da Arte, não vista como um objetivo educacional, mas sim como um método intrínseco, é uma abordagem de ensino que promoveu um movimento educacional e cultural voltado para a formação de um indivíduo completo, dentro do paradigma idealista e democrático, destacando os aspectos cognitivos, éticos e estéticos.

Expressões artísticas e científicas são vertentes do saber que se harmonizam e enriquecem mutuamente diante da busca por entendimento profundo, não havendo cultura que ignore ambas. A arte não apenas constitui um conhecimento em si mesma, mas também serve como meio para gerar outros saberes, pois dela extraímos a compreensão da vivência humana e de seus princípios.

Não se deve estabelecer qualquer diferenciação entre ciência e arte, exceto em relação aos procedimentos utilizados no processo de investigação, pois a oposição historicamente estabelecida entre elas se deveu a uma visão restrita de suas práticas. Enquanto a arte representa uma realidade, a ciência busca explicar a mesma realidade.

A expressão artística é uma dessas entidades que, assim como o ar ou o solo, estão ao nosso redor o tempo todo, mas que frequentemente deixamos de contemplar. Afinal, a arte não se limita apenas aos museus e às galerias de arte. A arte, independentemente de como a concebemos,

possui a característica de permear tudo o que fazemos para satisfazer os nossos sentidos. (Read, 2001 p. 16).

O propósito da instrução lógica pode ser delineado como o desenvolvimento, no indivíduo, de uma habilidade para internalizar a experiência dentro de uma compreensão lógica do cosmos, uma compreensão que abarca os princípios dogmáticos do caráter e da ética.

Já a educação imaginativa possui o intuito de proporcionar ao indivíduo uma percepção sensorial precisa da harmonia e do ritmo que compõem todos os seres vivos, incluindo os vegetais, uma consciência que serve como fundamento essencial para todas as obras de arte, para que o indivíduo, em sua vida e em suas atividades, possa partilhar da mesma inspiração e formosura orgânicas.

Através desse tipo de educação, é introduzido nos estudantes o instinto de conexão que, mesmo antes do desenvolvimento pleno da razão, capacita este estudante a discernir sobre as dualidades da vida, como o belo do feio, o bem do mal, o padrão adequado de conduta do padrão inadequado, o ser nobre do ser desprezível.

A educação estética nunca deve ser exclusivamente a criação de uma única forma de arte, que se ajuste a um padrão ortodoxo ou com superioridade estética, embora a presença desse padrão seja reconhecida. Esse objetivo seria meramente promover um desenvolvimento intelectual no indivíduo destinado a corrigir qualquer viés intelectual preexistente.

A educação estética é compreendida como uma dimensão essencial da formação integral do ser humano, articulando sensibilidade, criatividade, ética e criticidade no processo de leitura e

transformação do mundo. Na perspectiva da pedagogia crítica, a educação estética é um caminho para a humanização, pois forma sujeitos sensíveis à dor do outro, atentos à beleza e capazes de transformar a realidade de maneira ética, criativa e libertadora (Freire, 1987).

Estes diferentes tipos de propósitos educacionais, demonstram que o objetivo da arte na educação, que deveria ser igual ao propósito geral da própria educação, é cultivar no educando uma forma integrada de experiência, juntamente com uma disposição física correspondente, na qual o entendimento está sempre vinculado a uma observação concreta, e onde a percepção e o sentimento fluem em harmonia, em um movimento rítmico, em direção a uma compreensão mais ampla e livre da realidade.

As manifestações artísticas servem como referência para a educação ao procurar tornar as práticas de ensino envolventes e contextualizadas com a vida dos sujeitos, expandindo para além das chamadas belas artes e promovendo tipos de experiências únicas, com o objetivo de garantir que os estudantes busquem voluntariamente o que a escola tem a oferecer.

A utilização da arte na educação, tanto como manifestação individual quanto como elemento cultural, é uma ferramenta necessária para a identidade cultural e o crescimento pessoal. Através da Arte, é possível aprimorar a percepção e a imaginação, compreender a realidade do entorno, fortalecer a habilidade crítica, capacitando o indivíduo a analisar a realidade visualizada e aprimorar a criatividade para transformar essa realidade analisada. (Barbosa, 2012, p. 19).

Por mais que tenham sido elaborados normas para orientar as práticas disciplinares em direção a uma educação integral, ainda se precisa envolver o estudante de maneira mais crítica,

reflexiva e sensível. Como resultado, observa-se um declínio na sensibilidade, o que acaba restringindo a percepção de mundo do educando. No entanto, existem caminhos viáveis para resgatar essa sensibilidade, e nesse sentido, a educação por meio da arte pode desempenhar um papel significativo.

A sensibilidade, no contexto da pedagogia crítica, ultrapassa a dimensão afetiva para assumir um papel epistêmico e político na prática educativa. Constitui-se em uma forma de percepção ampliada da realidade social, permitindo ao educador e ao educando a construção de um olhar crítico e empático sobre o mundo, com base nas experiências e contextos dos sujeitos. Nesse sentido, a sensibilidade é condição para o diálogo verdadeiro que reconhece no outro um sujeito de saber, e não um recipiente a ser preenchido (Freire, 1996).

A busca pela liberdade, à qual os indivíduos dedicam suas vidas, deve ser encarada como uma luta pelo direito de experimentar a liberdade não como um objetivo em si, não como uma política ou programa pontual. Estar livre envolve ônus e bônus. Viver em liberdade é uma responsabilidade pessoal e coletiva, ou então é apenas uma fraude. Nisto consiste a importância de evidenciar a sensibilidade na educação artística.

A Educação através da Arte valoriza o diálogo, a experiência concreta e a leitura crítica da realidade como elementos centrais no processo educativo, e como prática formadora de consciência crítica e sensibilidade social, favorecendo a valorização da expressão artística como meio de desenvolver no educando uma compreensão estética e sensível do mundo.

Ensino de artes e educação da sensibilidade política_

estética da consciência racional e uma criação resultante do esforço humano. A dimensão social que reside na coletividade e é revelada pela arte consiste nas vivências e expressões individuais da sociedade, que todas as pessoas estabelecem durante suas vidas, e por meio da linguagem artística, o ser humano pode solidificar essa interação compartilhada no contexto social (Vygotsky, 2001, p. 315).

A arte surge da interação contínua entre o coletivo e o individual. Através do diálogo físico e verbal que os sujeitos mantêm com o seu ambiente social, ele absorve estímulos que geram sensações e evocam sentimentos, os quais se manifestam por meio do fazer artístico.

O ser humano interage com o planeta por meio de símbolos e ferramentas sociais à sua disposição, e nesse diálogo é quando há o despertar da sensibilidade ao apreciar os fenômenos naturais e sociais. Esse revelar da sensibilidade é um processo que também envolve o uso de símbolos e ferramentas, conectando assim a capacidade criativa humana. O universo de nossa sensibilidade é um mundo de diálogos com a diversidade da matéria, sejam elas físicas ou mentais (Ostrower, 1999, p. 52).

Tradicionalmente, o ambiente educacional tem sido caracterizado como um local onde predominou um modelo de aprendizado e desenvolvimento humano fundamentado na obje-

tividade. Apesar das diversas mudanças introduzidas pela sociedade contemporânea na forma de transmissão do conhecimento, não se pode afirmar que essas mudanças tenham reestruturado plenamente o modo de ensino. No entanto, isso também não implica que o aspecto subjetivo e a sensibilidade na formação não estejam ganhando espaço nos ambientes de aprendizagem atualmente e contribuindo para adaptá-los às novas demandas da comunidade educacional.

O ensino de arte deve capacitar o estudante a se reconhecer na expressão artística. A arte, enquanto disciplina escolar, proporciona ao indivíduo uma sensibilidade em relação ao ambiente e promove um desenvolvimento abrangente na construção de sua identidade. A formação do indivíduo é influenciada pelos processos de interação entre ele e a sociedade. Essa interação envolve as relações entre produção e consumo, instrução e ensino, destacando as práticas educativas como um ponto crucial na transmissão de valores.

Refletir sobre a educação da sensibilidade por meio da arte-educação é desenvolver uma abordagem pedagógica que não impõe nem limita o processo de criação artística do indivíduo, baseado em seu conhecimento prévio. Pelo contrário, trata-se de proporcionar oportunidades práticas e teóricas para o aperfeiçoamento e o desenvolvimento de suas habilidades. Como resultado, esse processo estimula percepções que levam à criação de uma expressão artística distinta, que não necessariamente segue os padrões dos conhecimentos europeus estabelecidos historicamente (Santos, 2024, p. 87).

Ao considerar a educação da sensibilidade nas artes, pode-se conceber formas de intervenção nas quais o indivíduo seja o protagonista de seu próprio desenvolvimento, utilizando

as linguagens artísticas como base e as colocando no cerne da discussão para promover a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade.

A força do impacto estético reside principalmente em sua capacidade de educar os sentidos humanos e políticos. No contexto educacional, o foco deve ser na completa libertação dos sentidos e das faculdades humanas, uma libertação que seria possível através da superação da noção de propriedade privada, desde que os sentidos tenham se desenvolvido de maneira tanto objetiva quanto subjetiva, pela conscientização crítica da realidade. Tornar-se humano implica em tornar-se social (Marx, 1974, p. 18).

A educação para a sensibilidade requer mediação, um papel especial desenvolvido pelos educadores, que através de narrativas passam a valorizar as palavras, os sons e as imagens presentes em suas práticas educacionais, sem perder de vista que a recepção da arte possui uma dimensão política, cujas manifestações são as produções artísticas e culturais disponibilizadas pelo sistema educacional e outros meios de comunicação.

As possibilidades educacionais em relação à arte e às atividades artísticas ultrapassa o âmbito estritamente educacional. O uso de práticas artísticas e culturais como recursos educativos e formativos não se restringe apenas aos contextos escolares e de formação. Essa nova abordagem está se difundindo por diversos setores da sociedade, onde a arte é frequentemente convocada e associada à missão de educação e reparação. A arte deve ser uma ferramenta para promover a educação em direitos humanos.

A transmissão de valores deve contemplar o processo de sensibilização do pensamento, permitindo ao estudante transformar seus sentimentos em expressão tangível. Isso decorre do próprio processo de trabalho, que se converte em um processo criativo de exploração e descoberta contínuas. Dessa forma, na atividade artística estão presentes a intenção e a criação moldadas pelas tensões psíquicas dos que a produziram. Essa produção se torna o resultado do processo criativo (Ostrower, 1999, p. 20).

A educação para a sensibilidade política é uma prática transformadora e o educando é um sujeito histórico capaz de ler e reescrever sua realidade, sendo um instrumento de libertação sensorial, cognitiva e política. O educador possui o papel de mediador que promove a conscientização e o engajamento crítico do estudante por meio das linguagens artísticas. O ensino de artes deve se deslocar da abordagem de uma lógica conteudista para uma prática dialógica e emancipadora.

Conclusão_

A presente pesquisa aborda a arte como ferramenta educativa e sensível, destacando sua relevância no processo de ensino-aprendizagem. Por meio da análise de diferentes abordagens pedagógicas, constata-se que a arte não apenas facilita a construção do conhecimento, mas também promove o desenvolvimento emocional, social e cognitivo dos indivíduos. A interseção entre

arte e educação revela-se um campo fértil para práticas inovadoras que estimulam a criatividade e a criticidade dos estudantes.

Os resultados evidenciaram que a incorporação da arte em ambientes educativos contribui significativamente para a humanização do ensino, tornando a experiência de aprendizagem mais significativa e envolvente. A valorização da expressão artística possibilita o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, favorecendo a empatia, a comunicação e a capacidade de resolver problemas de forma criativa. Nesse sentido, a arte se configura como um instrumento pedagógico capaz de transformar a relação entre educandos, professores e o conhecimento.

Além disso, constatou-se que metodologias baseadas na arte proporcionam um ensino mais inclusivo e acessível, atendendo às necessidades de diferentes perfis de aprendizes. A pluralidade de linguagens artísticas permite a construção de narrativas diversas, favorecendo o protagonismo estudantil e a valorização da diversidade cultural. Assim, a arte assume um papel central na promoção de uma educação democrática e equitativa.

No entanto, apesar de suas múltiplas potencialidades, o uso da arte como ferramenta educativa ainda enfrenta desafios, como a falta de formação específica para os educadores e a escassez de recursos nas instituições de ensino. Torna-se essencial que políticas educacionais incentivem a inserção da arte no currículo escolar de maneira estruturada e sistemática, garantindo condições adequadas para sua implementação efetiva.

Contudo, a arte, quando integrada ao ensino de forma planejada e intencional, possibilita aprendizagens mais profundas e transformadoras. Diante dos benefícios identificados, reforça-se

a necessidade de investimentos contínuos em pesquisas e práticas pedagógicas que explorem o potencial educativo da arte. Assim, será possível construir um ambiente educacional mais sensível, criativo e humanizador, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

Referências_

ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. Inquietações e mudanças no ensino da arte. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

EGAN, Kieran. Por que a imaginação é importante na educação? In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir S. (orgs.). Infância: Imaginação e Educação em Debate. São Paulo. Papyrus Editora, 2007.

EISNER, Elliot E. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? Currículo sem Fronteiras, v.8, n.2, pp.5-17, Jul/Dez 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos. Abril Cultural, coleção os pensadores, 1974.

OSTROWER, Fayga. Acasos e criação artística. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

READ, Herbert. A educação pela arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Jeferson. A educação da sensibilidade e o ensino de artes: compreensões compósitas por uma educação implicada. Revista Espaço Acadêmico, n. 243, jan/fev/mar, 2024.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica. 9 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. Psicologia da arte. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. La Vie des Images. Grenoble: PUG, 2002.